

A Irmandade do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho: memória e identidade afrocatólica na Bahia

Analia Santana*

Resumo

Este artigo reflete sobre a Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos) do Pelourinho, em Salvador-BA. Entidade trissecular religiosa, social, cultural e que luta pela continuidade das suas tradições negro africanas e do Culto a Mãe do Rosário iniciados a mais de quatrocentos anos pelos primeiros negros Banto. É imprescindível destacar também, o papel da memória enquanto fator importante de construção da identidade negra e das culturas negras trazidas do Continente africano e ressignificadas nas Américas. Faço algumas considerações sobre “sincretismo” refletindo sobre a possibilidade da existência da “dupla pertença religiosa” fenômeno que deve ser considerado em se tratando da religiões forjadas nas América. Nesse contexto, a articulação entre religião, memória e identidade é relevante para a reelaboração da religiosidade afrocatólica que a Irmandade vem reconstruindo em Salvador.

.Palavras-chave: Irmandade; Religião; Memória; Identidade.

Introdução

As reflexões sobre a reconstrução da identidade negra, africana ou afrobrasileira têm revelado importantes debates e contribuições imprescindíveis para a compreensão das complexidades que envolvem os estudos sobre a participação dos povos negros na construção da sociedade nacional. As irmandades negras tem sido um campo muito estudado desde os anos de 1970, mas, ainda se constituem como espaço privilegiado de pesquisa.

Estas entidades possuem acervos que corroboram para revelar as nuances existentes, os embates para quebrar estereótipos, preservar tradições e poder celebrar dignamente sua religiosidade registrando as memórias de África nas Américas. Mas também, registram a contribuição do homem negro e da mulher negra para a elaboração complexa que foi e continua sendo a sociedade brasileira desde sua estruturação inicial. As irmandades e os terreiros de candomblé permitiram que os negros reconstituíssem a pertença familiar e comunitária rompida com o processo de escravidão mercantil. Nesse sentido, (QUERINO,

*Pedagoga, Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduc) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Membro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho e do NGEALC/PROEX/UNEB (Núcleo de Estudos Africanos em Línguas e Culturas). Email: nalsantana33@hotmail.com.

2010, p.151), bem fundamenta o papel atuante do negro na sociedade brasileira quando evidencia que:

Foi o trabalho do negro que aqui sustentou por séculos e sem desfalecimento, a nobreza e a prosperidade do Brasil; foi com o produto do seu trabalho que tivemos as instituições científicas, letras, artes, comércio, indústria, etc., competindo-lhe, portanto, um lugar de destaque, como fator da civilização brasileira.

De acordo com a abordagem sociológica de Weber (1982), sabe-se que as religiões se desenvolvem em contextos práticos onde as experiências coletivas e individuais do sujeito ancorados pelos sistemas: econômico, religioso, político e social que transformaram profundamente a vida do homem moderno. Ainda de acordo com o mesmo autor, a religião está sustentada num complexo de elementos diversificados sendo difícil sua conceituação:

As religiões podem envolver os mais distintos e opostos elementos tais como deus e o diabo, natureza e sociedade, o sobrenatural, a religiosidade, e a magia, misticismo e profetismo, seitas e igrejas, sagrado e profano, rotinização e secularização teologia e cosmologia (WEBER, 1982, p. 140).

Esta reflexão é importante para a compreensão do contexto de surgimento das primeiras irmandades negras. Porque a primeira Confraria de Nossa Senhora do Rosário dos homens Pretos em Lisboa é datada de 14 de julho de 1496 no Mosteiro de São Domingos.

Os estudos de Warner (1964) demonstraram que o colar de contas ou Rosário¹ é originário da Índia Bramânica e do Hinduísmo, usado também no budismo e no Islamismo. Ele também se relaciona com o cordão do oráculo do Ifá. Enquanto que na Grécia, e em países do Norte da África e da Ásia tem caráter laico servindo para acalmar os nervos, no ocidente ele é exclusivamente religioso. A devoção do Rosário cresceu junto com as religiões tradicionais negras africanas.

É nítido que os estudos de Thornton (2008) defendem a existência de um catolicismo negro desenvolvido na região do reino do Congo e de Angola, onde houve a articulação de elementos das religiões autóctones locais com a religião católica assumida pelo rei do congo no século XV. O movimento Antoniano de Dona Beatriz Kimpa Vita neste mesmo reino, também se constitui como um fenômeno importante para a compreensão do movimento religioso afrocatólico no Brasil. Assim como, a propagação do culto a São Benedito e a Nossa Senhora do Rosário nas Américas, que se tornou uma constante para negros cativos, libertos e crioulos.

As primeiras irmandades do Rosário surgiram em Portugal no Século XIII em época de intensas lutas religiosas e políticas. A tradição católica ressalta que São Domingos de

¹ Rosário colar de contas divididas em grupos de dez contas pequenas e uma conta grande somando um total cento e cinquenta Ave Maria e quinze Pai Nosso, evoca as passagens da vida de Jesus (nascimento, vida, morte e ressurreição). O rosário significa coroa de flores que cobre os ombros de Nossa Senhora. Em corresponde ele substituiu os 150 salmos que os monges rezavam nos mosteiros.

Gusmão religioso dominicano de origem alemã teve uma visão da Virgem Maria que lhes ensinou uma maneira de orar. Ele deveria invocá-la com a ajuda de contas unidas por um cordão.

Na Bahia colonial entre os séculos XVI e XVIII, havia uma grande concentração de população escravizada de originárias dos reinos do Congo e Angola, usando as experiências religiosas do cristianismo já vivenciadas na África Negra se articularam formando irmandades. Muitas irmandades negras se formaram em igrejas da capital e do interior especialmente pela influência Bantu. Podemos citar algumas: na Conceição da Praia, Sant'Ana, Santo Antônio Além do Carmo, no interior Valença, Camamu e etc. (Viana Filho, 1946). Ainda outras com nomes de Bom Jesus do Martírio, Santa Ifigênia, São Benedito, Nossa Senhora da Boa Morte na antiga Igreja da Barroquinha de onde surgiram as primeiras casas de culto do candomblé.

É nesse contexto que em 1685 foi criada a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos) na antiga Igreja da Sé. Uma das irmandades negra mais antiga de que se tem registro no país. A Irmandade foi elevada ao Grau de Ordem Terceira em 02 de julho de 1899 pelo então Bispo D. Jeronymo Thomé denominando-a de Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos).

Conforme Geertz² (1973), as religiões orientam as ações sociais dos indivíduos, estabelecendo parâmetros para a ação dos sujeitos em sua atuação na vida social. Dessa forma, a vida dos negros e negras que participavam e participam de irmandades religiosas negras tem influências positivas para sua participação e atuação no campo social baiano/brasileiro.

Em 1769 os Irmãos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Bahia ordenaram a criação do primeiro *Compromisso*³ que foi aceito pela maioria dos irmãos daquele tempo recorreram imediatamente à proteção real portuguesa para a aprovação e obtenção por meio da Provisão pelo Tribunal da Mesa da Consciência e Ordens da Corte da

² Clifford Geertz Antropólogo Americano da Antropologia Simbólica (paradigma expressivo e interpretativo) traz importantes estudos sobre a individualidade das religiões. Um dos seus mais conhecidos estudos é A Interpretação das Culturas (1973 e 1989).

³ Compromisso é o documento oficial que regulamenta os procedimentos das Irmandades dentro da Igreja Católica, pode-se dizer que é um documento de base legal registrado em cartório com normas, leis, procedimentos que resguarda o patrimônio material e imaterial. Legitima todo o funcionamento da entidade seja na parte religiosa, civil e social. O primeiro Compromisso da Irmandade de N. S. do Rosário às Portas do Carmo é datado de 1685. Provavelmente ela já existia antes da elaboração do primeiro documento.

Cidade de Lisboa, com aprovação em 10 de outubro de 1781⁴. Esse compromisso governa a Irmandade desde então, com suas reformulações 1820, 1865, 1899, 1949, 1999 e 2001 e 2003.

Para Russel-Wood (1971), apoiando-se nos estudos de Accioli-Amaral, a mais poderosa Irmandade dos negros no Brasil foi a de Nossa Senhora do Rosário, sendo a única que teve eleição anual de Reis e Rainhas. Na Bahia, a Irmandade do rosário às Portas do Carmo foi erigida e o seu Compromisso confirmado por Dom Fr. João da Madre de Deus em 1685, sendo confirmado por provisão Régia de 10 de outubro de 1781 e só reformado em 1820.

Segundo Luiz Viana Filho (1945) contestando pesquisadores anteriores que afirmavam a superioridade de negros sudaneses, “no século XVII os bantus eram os donos da Bahia... se catequizavam em línguas de Angola Quimbundo provavelmente” (VIANA FILHO, 1946, p. 56). As influências dos negros oriundos dos territórios de Angola e de seus descendentes nascidos no Brasil foram marcantes na Irmandade do dos Homens Pretos do Pelourinho. Porém, com a expansão do processo de transferência forçada pelo tráfico transatlântico de povos de outras regiões do continente africano a Irmandade também abrigou Jejes, Iorubas, e seus familiares negros e crioulos nascidos no Brasil.

Observamos que a participação na Irmandade de acordo com o Compromisso é de ambos os sexos, mas ele não legitimava a participação das mulheres na Mesa Administrativa. Com a reforma do compromisso de 1949 provavelmente pela pressão do movimento feminista mundial, as mulheres da Irmandade questionavam na divisão do poder. Nesse processo foi criada uma Mesa de Honra formada por mulheres ocasionando muitos embates internos principalmente pelas conquistas de gênero, políticas e sociais que as mulheres negras e outros segmentos garantiram nas lutas e movimentos.

Sobre a participação das mulheres na Irmandade do Rosário de Salvador existem poucos estudos, nesse sentido, essa é a temática da minha pesquisa que se iniciou neste ano de 2011, no Mestrado em Educação e Contemporaneidade pela (UNEB) Universidade do Estado da Bahia Campus I Salvador. Tenho como orientadora a Prof^a Dr^a Elizabete Conceição Santana. Na pesquisa, estou estudando sobre o percurso histórico, educacional de algumas mulheres os quais as levaram a participação na Administração da Irmandade e também a serem referências na memória histórica e cultural entidade a partir da reforma do Compromisso de 1949. Esse documento passou a legitimar a participação das mulheres nas decisões de Irmandade, mesmo que em paralelo aos homens.

⁴ Prólogo do Compromisso de 1949, transcripto ipis verbis Primitivo Compromisso.

Desde os primeiros anos de criação a Irmandade de nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho escolhe seus administradores através de eleição. Segundo o Compromisso de 1872, treze irmãos compõem a Mesa Administrativa (um juiz, um escrivão, um tesoureiro, um procurador, nove consultores). Os pré-requisitos são saber ler e escrever, ter boa reputação e não estar respondendo nenhum processo jurídico. Mas as mulheres só participaram nas atividades práticas até 1950. Assim diz o compromisso de 1872:

Será preciso para argumento das festividades da nossa padroeira, a designação de três juízas de festa. Para que se escolha uma, dentre as irmãs mais dedicadas ao culto e que reúnam estado moralizado, e aptidão pouca louvável desempenho deste cargo e bem assim mais doze mordomas⁵. (Compromisso de 1872, Art.11, p.9).

As irmandades religiosas negras do período colonial desenvolveram uma dinâmica própria que abarcava o contexto religioso, social, político e cultural na vida de seus membros e da sociedade escravocrata. Essas entidades possuíam diversas finalidades prestação de serviços e assistência social, hospitalar, educacional, financeira, funerária, compra de alforrias e auxiliava os escravizados que recorriam ao seu prestígio social e político.

Pode-se ainda dizer que muitos escravizados recorreram à Irmandade do Rosário no intuito e aumentar os esforços para reconstrução dos laços e vínculos familiares, da memória e da cultura não só da religião, uma vez que, a partir dos novos os arranjos familiares, as aproximações afetivas de carinho e amizade, os apadrinhamentos espirituais e laços de irmandade se reconfiguraram novas famílias negras na Bahia e no Brasil.

Hobsbawm (1997) salienta que houve adaptação quando foi necessário conservar velhos costumes em condições novas ou usar velhos modelos para novos fins, instituições antigas, com funções estabelecidas, referências ao passado e linguagens e rituais podem sentir necessidade de fazer tal adaptação: a Igreja Católica, frente aos novos desafios políticos e ideológicos e às mudanças substanciais na composição do corpo de fiéis (tais como o aumento considerável do número de mulheres tanto entre os devotos leigos quanto nas ordens religiosas). Assim descreve o (Compromisso, Capítulo V, Artigos III e IV, 2003, p. 5), dos Direitos e Garantias dos Irmãos aos benefícios pós-morte:

À sepultura para si e seus filhos até idade de 12 anos, em carneiro da ordem ou, se esta não tiver disponível, no de outra Irmandade da mesma ordem, exceto se o Irmão tiver igual direito em outra Irmandade ou sociedade.

⁵As mordomas desenvolviam junto com as juízas todas as atividades relacionadas às festas, ao templo e ao culto e etc. Exceto participação nas decisões da administração da Irmandade. Esse papel era exclusivo dos homens.

A ser acompanhado até a sepultura pelos Irmãos revestidos ou não de hábito, bem como a uma missa de trigésimo dia de falecimento, e aos sufrágios que trata a letra “b” do artigo 73⁶.

Scarano (1976) nos fala que as irmandades no período colonial eram conformistas e conservadoras, pois não lutavam contra a escravidão, mas apenas minimizavam seus sofrimentos. A mesma Autora, no entanto reconhece que elas colaboravam para salvar a identidade e dignidade dos negros africanos no Brasil, sendo também veículo de transmissão de suas tradições negro africanas, que se conservavam pela frequência de contatos, pela linguagem e outras razões semelhantes. Nesse sentido, (Quintão (2002, p.34) corrobora afirmando que:

Se a classe senhorial e as elites quiseram utilizar as irmandades como meio de controle e de integração do povo negro numa sociedade escravocrata, estes souberam transformá-las num espaço de solidariedade, de reivindicação social e de protesto racial. Conseguindo assim, salvar sua identidade e sua dignidade.

As pessoas negras eram proibidas de professar sua fé alicerçada nas religiões Tradicionais Negro Africanas, no Islã e até mesmo no próprio Cristianismo. Elas usaram estratégias de sobrevivência que em alguns casos era necessário unir-se ao inimigo para em outro momento oportuno conquistar seus objetivos. É importante atentar para as múltiplas questões complexas aí inseridas como as relações de poder real e simbólico que foram escamoteadas nas várias construções sociais e religiosas.

Para Durkheim (1983) a religião pode ser entendida como um fato social ou de representação coletiva, não podendo ser explicada pelas teorias vigentes. Ela tem uma funcionalidade e não depende da vontade do indivíduo, porque é transmitida pela geração anterior como um sistema de idéias que possibilita a coesão dos indivíduos no interior de uma sociedade primitiva. Ou ainda as religiões “exprimem realidades coletivas” construídas socialmente (DURKHEIM, 1983, p.212).

No mundo contemporâneo, globalizado e das altas tecnologias não podemos deixar de destacar as entidades que se resignificaram no tempo e espaço dialogando com a sociedade, a história e a cultura em que estão inseridas. Sem deixar de resguardar sua memória, identidade e percurso histórico construídos em séculos anteriores. Nesse contexto, a Venerável Ordem Terceira Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo legitima suas lutas reais simbólicas reconfigurando suas práticas na sociedade baiana.

⁶ Em relação aos sufrágios citado acima, refere-se que no período da festa de nossa Senhora do Rosário mês de outubro na segunda-feira seja feita uma missa ou celebração solene em favor dos irmãos falecidos. Esta celebração ocorre de forma solene com uma pequena procissão no largo do pelourinho.

Articulando Memória e Identidade no Rosário dos Pretos

O fortalecimento da memória que se apresenta nas raízes negro africanas é basilar para o combate ao racismo, aos estereótipos e as mais diversas formas de preconceitos e discriminações que a sociedade mantém na contemporaneidade. O cruzamento de saberes, a ampliação de nossa visão de mundo através do conhecimento de outras formas de organização social pode tornar nossa vivência mais humanizada.

Bosi (2003) entende que a memória poderá ser conservação ou elaboração do passado resignificando no presente, mesmo porque, o seu lugar na nossa vida acha-se a meio caminho entre o instinto que se repete sempre, e a inteligência que é capaz de inovar.

Podemos também pensar a memória como um dos elementos imprescindíveis para a reelaboração identitária nas Américas, porque ela se caracteriza por um emaranhado de subjetividades e objetividades construídas coletiva, histórica e culturalmente pelas pessoas para manter vivas suas tradições, seus conhecimentos e significados que dão sentido a sua existência. Nesse aspecto, (MENEZES, 1992, p.15) corrobora enfatizando que a memória pode ser entendida como:

(...) Um sistema organizado de lembranças cujo suporte são os grupos sociais espacial e temporalmente situados, ou seja, redes de inter-relações estruturadas e imbricadas em circuitos de comunicação. Essa memória assegura a coesão e a solidariedade do grupo e ganha relevância nos momentos de crise e pressão. Não é espontânea: Para manter-se precisa permanentemente ser reavivada. É por isso que da ordem da vivência, do mito e não busca coerência, unificação. Várias memórias coletivas podem coexistir, relacionando-se de múltiplas formas.

Nesse contexto, a Irmandade do Rosário se configura como um grupo privilegiado de articulação de memórias negro africanas e afrobrasileiras nas Américas, porque soube dialogar com os vários segmentos da sociedade forjando relações nesses trezentos e vinte e seis anos de existência não se conformando apenas com seu papel no espaço religioso católico.

Concordo com (KI-ZERBO, 2009, p. 12) quando salienta que “sem identidade, somos um objeto da história, um instrumento utilizado pelos outros, um utensílio. E a identidade é o papel assumido, é como numa peça de teatro, em que cada um recebe um papel para desempenhar”.

As reflexões de (SODRE, 1999) muito bem colaboram com esta discussão quando afirma que identidade pode ser assumida ou dada pelos outros, ou seja, pela representação social que os outros fazem de nós. E este outro na maioria das vezes desumanizou e esfacelou

toda uma construção edentitária milenar construída pelos negros africanos e afrobrasileiros através dos vários processos colonizadores em África e no Brasil.

A identidade negra muitas vezes forçada, outras vezes de resistência reelaborada nas relações sociais foi se construindo em relações desiguais. Na concepção de Diop (1974) a identidade cultural ou étnica de qualquer povo está alicerçada em três princípios elementares: o histórico, o lingüístico e o psicológico.

A identidade negra pode ser entendida a partir de (CESAIRE, Miami 1987, p.1), quando acredita na possibilidade da identidade dialogada entre presente, passado e futuro: “... creio numa identidade não arcaizante, devoradora de si mesma, mas sim devoradora do mundo, isto é: apoderando-se do presente, para melhor reavaliar o passado e, mais ainda, para preparar o futuro”.

Entendo que é possível pensar no significado do rosário enquanto articulador da religiosidade, da memória, lutas diversas, da identidade e de resistências para negros escravizados e livres na Bahia. O rosário e a Mãe do Rosário foram utilizados nas fugas individuais e coletivas, como auxílio na cura do banzo, nos momentos de reviver as alegrias e festas católicas já vivenciadas em África especialmente no antigo reino do Congo que já tinha experiência com o catolicismo. Como também, nas reivindicações de feriados e descanso onde os negros usavam para construir sua igreja própria.

Muitos dos membros que frequentaram e frequentam a irmandade são também lideranças religiosas do Candomblé. Algumas delas tiveram contribuições imprescindíveis no cenário Nacional e local, podemos citar o exemplo de Eugênia Ana dos Santos, Mãe Aninha ou Oba Byí que criou o Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, foi irmã do Rosário e em seu sepultamento aconteceram os dois ritos religiosos. Ela influenciou também para que o Presidente Getúlio Vargas assinasse a lei 1202 que proibiu à perseguição as religiões afrobrasileiras. É importante registrar também os exemplos de: Olga de Alaketu, Mãe Senhora dentre outras.

Os estudos de Nina Rodrigues e outros pesquisadores que classificaram de sincretismo⁷ as estratégias religiosas utilizadas pelos negros para preservar sua religiosidade e raízes ancestrais. Estes estudos mesmo impregnados de teorias racialistas nos ajudaram a avançar nesta discussão e hoje é possível defender um duplo pertencimento religioso,

⁷ Estudiosos como: Manoel Querino, Artur Ramos, Roger Bastides, Nina Rodrigues, Pierre Verger, Gilberto Freire, João J. Reis, Juana Elbein dos Santos Josildeth Consorte, Vivaldo da Costa Lima, Julho Braga etc.. Apresentam uma bibliografia considerável sobre as questões da religiosidade negra e os encontros religiosos. Estudos mais recentes abordam o duplo pertencimento religioso e discutem os novos segmentos da religião no Brasil, dentre eles: Maria de Lourdes Siqueira, Reginaldo Prandi, Wilson Caetano Souza dentre outros.

fenômeno que ainda causa bastante polêmica na academia e na sociedade em geral. (SOUZA, 2003, p. 52) ajuda a refletir sobre esta temática quando ressalta que:

É certo que o sincretismo possa ser compreendido a partir dos diferentes usos e sentidos que ele encontra na história particular de cada grupo religioso inserido nesta sociedade moderna, utilizando a imagem de Prandi. Assim sendo, em alguns casos a fidelidade a certas práticas católicas pode significar “fidelidade a uma tradição africana”.

Vale sublinhar que os estudos sobre sincretismo foram criados pelos acadêmicos, para dar uma resposta às novas configurações religiosas surgidas na sociedade brasileira. Outras leituras são possíveis, nessa perspectiva, me sinto mais confortável em designar de “*dupla pertença religiosa*” ao se tratar dessa temática polêmica em relação à da Irmandade.

A discussão sobre dupla pertença religiosa, sincretismo ou formas diferenciadas de viver a religião requer abertura, pesquisa e reflexão. Deve considerar a pluralidade de religiões que o território nacional apresenta e os processos civilizatórios que estão inseridos. As Religiões Indígenas, o Cristianismo nas suas variadas formas, as Religiões Negro Africanas, o Islamismo e outras ramificações que surgiram a partir dessas matrizes em território nacional forjaram novas formas de viver o sagrado em contextos diferentes. As generalizações podem camuflar o entendimento desses processos complexos. Considerando as especificidades de cada região do país, os estudos podem acrescentar elementos à reflexão partir das novas análises sobre as religiões brasileiras e seus entrelaçamentos.

Manoel Querino (1851-1923) um dos maiores estudiosos sobre a cultura negro africana em nosso Estado, em *A raça africana e seus costumes na Bahia*, livro escrito nos meados do século XIX, obra reeditada várias vezes colabora com a discussão quando disse que o “africano já trazia a seita religiosa de sua terra; aqui era obrigado, por lei, a adotar a religião católica. Habitado naquela e obrigado por esta, ficou com as duas crenças” (QUERINO, 2010, p.50).

É importante ressaltar que para nós irmãos e irmãs do Rosário, o sincretismo não se aplica nos moldes como foi delineado academicamente. Porque os irmãos têm bem claro que: a religião ancestral é imprescindível, porém o cristianismo também pode coexistir nas nossas vidas. Quando estamos na Irmandade, estamos desenvolvendo no lado cristão católico de culto a Jesus e a Nossa senhora do Rosário, quando estamos nas religiões de origem africana (Candomblé e suas várias matrizes) estamos mantendo nossa ancestralidade e cultuando seja os orixás, ou inquices, voduns e ancestrais. Cada um com seu ritual específico e feito nos templos específicos que dão resposta e significado a nossa existência nas Américas. Os cultos são específicos, ou seja; não se misturam, embora a maioria da sociedade e até da intelectualidade acredite no contrário.

A Etnolinguista Prof^a. Dr^a. Yeda Pessoa de Castro no Artigo *As Vozes do Saber*, lançado em 2008 pelo Instituto Geográfico e Histórico da Bahia traz uma importante reflexão da saudosa Mãe Olga de Alaketu feita no Encontro de Nações de Candomblé realizado em 1981 no Centro de estudos Afro-Orientais da Bahia (CEAO) da Universidade Federal da Bahia. A Sacerdotisa enfatiza que “O candomblé é uma religião como a de Roma e se respeitamos a Igreja, temos que respeitar também cada templo de orixá para não cair este pedaço de céu da África que temos no Brasil” (CASTRO, 2008, p.23).

A partir do exposto acima, é possível buscar na sociedade e nos grupos o respeito as mais diferentes formas de expressão religiosa especialmente as que foram estigmatizadas socialmente como as religiões de matriz africana no caso da Bahia o Candomblé. A prática religiosa está intimamente conectada com as diversas dimensões de tempo e espaço, com o mundo visível e invisível e também com a política, a história, a economia, e a cultura de um determinado grupo. Ao considerar estas ajuda a ampliar a reflexão sobre a construção da identidade étnica e religiosa, tanto individual quanto coletiva.

Catolicismo Afro no Rosário dos Pretos? (Palavras quase conclusivas)

Tomando como referência as experiências do cristianismo Bakongo no antigo Reino do Congo na África Banto, de acordo com (SOUZA, 2001) nos primeiros tempos as cruzes, ostensórios cristãos foram chamados *ninkisi* pelos próprios missionários católicos portugueses. Eles de certa maneira buscavam a equivalência entre o cristianismo e o universo religioso bakongo, usando a denominação local corrente, para objetos utilizados nos cultos religiosos, ocultando a enorme diferença de significados que havia outrora para as duas religiões. Essa experiência ressignificou e agregou elementos das religiões ancestrais ao novo catolicismo que surgia no Congo. Como também, acredito que provavelmente influenciou as irmandades negras do Brasil.

Ainda recorrendo a Marina de Mello Souza no artigo Santo Antonio de Nó-de-Pinho e o Catolicismo Afro-brasileiro, onde a autora bem define a função de Deus (*Nzambi*) e dos santos para os congoleses, que não se difere muito de parte do que a Irmandade do Pelourinho, ainda mantém nas suas memórias de África Banto:

Para os Bakongos Deus continuava sendo *Nzambi Mpungo* criador de todas as coisas, e os santos eram, para eles, seus ancestrais e espíritos da natureza que habitavam fontes, pedra, árvores e o mundo dos mortos e intervinham nos problemas dos vivos por meio dos ritos e objetos mágicos religiosos (...) (SOUZA, 2001, p. 174).

O uso de elementos culturais negros nas missas Afro no Rosário dos Pretos de Salvador como por exemplos: cantos, danças, músicas que retratam a origem e identidade negra, instrumentos como agogô, atabaque, xequê e etc. Esses elementos ressignificam a forma de louvar e celebrar afirmando uma possível identidade negra católica dentro do catolicismo romano. O rosário de búzios também remete a religiosidade ancestral tendo importante simbologia na entidade.

Na Irmandade do Rosário, a veneração aos santos (as) negros (as) é marcante. Mesmo sendo “branca” a imagem da nossa Padroeira a Mãe do Rosário a maioria dos santos são negros, dentre eles podemos destacar: São Benedito, Santa Ifigênia, Santo Antonio de Categeró, Nossa Senhora Aparecida, Santo Elesbão, Escrava Anastácia⁸, Santa Backita e etc.

O catolicismo negro desenvolvido na Irmandade do Rosário em princípio pelos negros trazidos do Congo e de Angola para a Bahia pelo processo escravocrata mercantil, e depois pelos negros e mestiços baianos, embora esteja inscrita nos moldes do vaticano, ele é único, pois as missas são celebradas com elementos culturais afrobrasileiros que enriquecem a religiosidade católica. Para a pesquisadora Lucilene Reginaldo (2005) desde o século XVIII a Irmandade e sua igreja têm importância simbólica na sociedade baiana. Ela lançou recentemente o livro *Os Rosários dos Angolas Irmandades de Africanos e Crioulos na Bahia*, assim ressalta a pesquisadora:

Na Bahia setecentista a importância real e simbólica da igreja do Rosário da Baixa dos Sapateiros ou das Portas do Carmo para os confrades africanos e crioulos aí congregados justificava o embate com autoridades brancas, mas também com seus irmãos de cor (REGINALDO, 2005, p.143).

Os irmãos buscavam a construção de uma consciência política equitativa entre pensar e fazer que minimizassem os racismos, as discriminações e os preconceitos diversos, mesmo que em certos aspectos não conseguissem tal equidade. “Nas sociedades de classes e racistas como o Brasil, a raça exerce funções simbólicas (valorativas e estratificadoras) sociedade” (SOUZA, 1983, p. 20).

Homens e Mulheres se articularam e articulam-se para preservação da memória, da religiosidade da identidade cultural, étnica e de todo patrimônio material e imaterial da Venerável Ordem Terceira Irmandade do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos)⁹. Esse fato é afirmando pelas pesquisas e também, por nós que fazemos parte deste cenário.

⁸ O nincho em homenagem a Escrava Anastácia fica em área externa da igreja no cemitério onde é visitada regularmente pelos fiéis que fazem suas homenagens aos ancestrais e familiares já falecidos.

⁹ Para mais esclarecimentos ver (BACELAR, 1974) (REGINALDO, 2005 e 2011), (FARIAS (1997), (PEREIRA, 2010) dentre outros autores. Visite o Blog da Irmandade www.irmandaderosariodospretosalvador.blogspot.com

Talvez, eu tenha demonstrado certo etnocentrismo ou narcisismo por falar de dentro da entidade coisa que a academia ainda questiona. Tentei um distanciamento, mas concordo que fica impossível não envolver-se emocionalmente quando falamos de nós mesmos ou das entidades que pertencemos. Porém é essencial recontar nossa história a partir do nosso olhar, mas também considerando o que foi produzido academicamente para ampliar as reflexões.

A confluência de elementos e discussões que envolvem a reflexão desenvolvida neste artigo me impede de fazer uma conclusão, mesmo porque, as minhas pesquisas apenas iniciaram e vão trazer importantes descobertas para o debate sobre a historicidade da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho especialmente sobre o papel das mulheres. As articulações entre religião memória e identidade são imprescindíveis para a reelaboração da religiosidade afrocatólica que a Irmandade vem reconstruindo em Salvador.

Referencial

- Documento Interno **Compromisso que rege a V. O. T. Irmandade de do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo versões: 1872, 1949 e 2003.**

REFERENCIAS

- BOSI, Eclea. **Tempos vividos e tempos mortos. Em: tempos vividos da memoria: ensaios de Psicologia Social.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BURDICK, J. **Blessed Anastácia: Women, Race, and popular Christianity in Brazil,** New York/London: Routledge, 1998.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. **As vozes do Saber.** Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Salvador, v.103, p.13-24, 2008.
- CÉSAIRE, Aime. **Discurso sobre a Negritude.** Org. MOORE, Carlos. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- DURKHEIM, Emille. “**As formas elementares da vida religiosa**” Em: **Os Pensadores.** 2ª Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- FARIAS, S. O. **Irmãos de cor de Caridade e de Crença: a irmandade do rosário do Pelourinho na Bahia do século XIX,** Salvador: UFBA, 1997(Dissertação de Mestrado)
- HOBSBAWM, E. RANGER, Terence. (orgs.) **A Invenção das Tradições,** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- SOUZA JUNIOR, Vilson Caetano de. **Orixás e Santos de Festas: Encontros e desencontros do sincretismo afro-católico na cidade de Salvador,** Salvador: EDUNEB, 2003.
- KI- ZERBO, Joseph. **Para quando África? Entrevista com René Holenstein;** tradução Carlos Aboim de Brito. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.
- PRANDI, Reginaldo. **As Religiões e as Culturas: Dinâmicas religiosas na América Latina.** Conferência Inaugural das Jornadas Sobre Alternativas Religiosas na América latina. Buenos Aires, Argentina, 25-28 set. 2007.

- QUERINO, Manuel. **Costumes Africanos no Brasil**. 2. ed. ampl. e comentada. Salvador: EDUNEB, 2010.
- QUINTÃO, A. Antônia. **Irmandades negras outro espaço de luta e resistência** (São Paulo: 1870-1890) FAPESP ANNBLUME, 2002.
- REGINALDO, Lucilene. **Os Rosários dos Angolas: Irmandades Negras, experiências e identidades africanas na Bahia setecentista**, Campinas, SP: UNICAMP, 2005
- RUSSEL-WOOD, A. J. R. **Aspectos da vida Social das Irmandades Leigas da Bahia do século XVII**. In: O Bi-Centenário de um Monumento Baiano. Coleção Conceição da Praia, V.2, Salvador, 1971, pp.145-160.
- SCARANO, Julita. **Devoção e Escravidão: A Irmandade de N. S. do Rosário dos Pretos no distrito de Diamantina no Século XVIII**, COL. Brasileira, 1976.
- SODRE, Muniz. **Claros e Escuros - identidade, Povo e Mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- SOUZA, Marina de Mello e. **Santo Antônio de Nó - de Pinho e o Catolicismo afro-brasileiro**. Revista Tempo, Relume Damará, v.6, n.11. p. 171-188, jul.2001.
- SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se Negro: as vicissitudes do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- THORNTON, John. K. **“Religião e vida cerimonial no Congo e áreas de Umbundo, de 1500 a 1700”**, in Linda M. Heywood (org.) **Díaspóra negra no Brasil**, São Paulo, Editora Contexto, 2008, pp. 81-100.
- VAINFAS, Reinaldo, SOUZA, Marina de Melo e. **“Catolização e poder no tempo do tráfico: o reino do Congo da conversão coroada ao movimento Antoniano, séculos XV-XVIII”** Tempo, 6, 1998, p. 95-118.
- VIANA FILHO, Luis. **O Negro na Bahia**. São Paulo: José Olímpio, 1946.
- WARNER, W. Lloyd. **A Black Civilization: A Social Study of an Australian Tribe**, Nova York, Harper & Row, 1964.
- WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Guanabara, Rio de Janeiro: Koogan, 1982.